

JUVENAL, UM RETRATO DA SÁTIRA

LUIZ KAROL

RESUMO:

O propósito deste ensaio é entender o personagem Juvenal, escritor satírico do início do século II de nossa era, traçando um perfil a partir de algumas sátiras e dos dados transmitidos pela tradição historiográfica e anedótica. Buscamos aqui comparar a fortuna da personalidade do satírico romano com alguns de seus escritos e submeter, numa apresentação um tanto livre, a imagem resultante a alguns critérios críticos de pensamento, para melhor entender esse escritor latino tão enérgico, tão vivo, e por que não dizer, tão atual, haja vista que, mesmo se debruçando sobre o comportamento humano de sua época, ele traz à luz, na verdade, aspectos da alma do homem comum que podem ser aplicados em quaisquer épocas posteriores da história privada do homem, por conta do caráter abstrato desses aspectos. **Palavras-chave:** Juvenal, Sátira, Literatura Latina.

JUVENAL, A PORTRAIT OF SATIRE

ABSTRACT

The purpose of this essay is to understand the character Juvenal, satirical writer of the early second century of our era, tracing a profile from some satires and the data transmitted by the historiographical and anecdotal tradition. We seek here to compare the fortune of the Roman satirist's personality with some of his writings and to submit, in a somewhat free presentation, the resulting image to some critical thinking criteria, in order to better understand this Latin writer so energetic, so alive, and why not to say, so current, given the fact that, even though he dwelt on the human behavior of his time, he actually brings to light aspects of the common man's soul that can be applied to any subsequent epoch of man's private history, because of the abstract character of these aspects.

Keywords: Juvenal, Satire, Latin Literature.

As únicas informações precisas que possuímos acerca de Juvenal são aquelas que ele próprio nos fornece em suas sátiras. A inscrição de Aquino que fala de um Juvenal tribuno, duúnviro e flâmine de Vespasiano é de autenticidade duvidosa, tanto pelo fato de contrastar com as biografias existentes, quanto pelo fato de não apresentar o prenome do citado, portanto não pode ser ligada

com segurança ao poeta. Quanto às diversas biografias que nos chegaram, apresentam entre si graves contradições sobre os pontos mais importantes.

Decimus Iunius Iuvenalis, como é nomeado em diversos manuscritos, nasceu em Aquino, na Campânia, em data ignorada que pode ser fixada com alguma exatidão nas proximidades do ano 60 d.C.. É pouco provável que ele tenha sido filho, legítimo ou adotado, de um rico libertos, como querem algumas biografias. Juvenal, pois, mostra em seus escritos certa antipatia por esse tipo de pessoa, cujo número engrossava as fileiras dos *clientes* e, portanto, diminuía a *sportula*. Essa falta de afinidade exposta nos textos das sátiras, portanto, apresenta-se-nos como um argumento contrário ao de uma origem entre os libertos ou semelhantes. É proveitoso comparar sua situação com, por exemplo, a dos poetas Horácio e Vergílio, cujas origens estão bem marcadas nos escritos destes, sem apresentar juízos depreciativos.

Durante a juventude, foi aluno dos retores, passando a primeira metade de sua vida nas salas de declamação. Por volta do ano 100, abandona o ofício da eloquência para se dedicar à poesia e começa a publicar as *Sátiras*. Morre durante o reinado de Adriano, por volta de 130.

Um fato biográfico comprovado é sua ligação de amizade íntima com Marcial, autor de epigramas satíricos de conhecida virulência, que lhe dedicou muitos epigramas. Afinal, poderíamos, por analogia, fazer uma metáfora calcada no senso comum de que os de um lado os espíritos afins se estimam, de outro, os escorpiões se respeitam. Marcial não deixou de alfinetar seu amigo:

*Dum tu forsitan inquietus erras
clamosa, Iuvenalis, in Subura,
aut collem dominae teris Dianae;
dum per limina te potentiorum
sudatrix toga ventilat vagumque
maior Caelius et minor fatigant...*

Enquanto talvez inquieto erres,
Juvenal, pela gritaria na Subura,
ou se esfalfe na colina da poderosa Diana;
enquanto pelas soleiras dos poderosos
a suarenta toga ventila e vagante,
o maior e o menor Célio te fatigem... (Marcial, XII, XVIII, 1-6)

Digno de nota é *limina potentiorum* e *sudatrix toga*, as soleiras dos poderosos e a toga suarenta, índice indiscutível da submissão de Juvenal como cliente a um patronato, quiçá a mais de um.

Os biógrafos que sustentam que Juvenal fora exilado em sua velhice, dão como motivo o ataque a um bufão (*histrion*) favorito do imperador, nos versos da Sátira VII (vv.85-93). Eles não estão, entretanto, de acordo sobre a época nem sobre o lugar desse exílio. Boissier (1868) vai mais longe, dizendo que a disparidade se estende a ponto de algumas fontes sugerirem que não teria sido um exílio, mas uma nomeação para administrar uma província distante de Roma, o que equivaleria a uma sentença de morte. Portanto, parece-nos que esse dado pode ser reduzido a uma história fantasiosa provavelmente deduzida de um hipotético desejo de vingança atribuído a algum desafeto do autor, tendo em vista a aspereza das sátiras.

A condição de artista pobre, com que Juvenal nos é apresentado, constitui-se em outro mito. Sem ser pobre como Umbrício, personagem apresentado na Sátira III, pobre poeta que deixa Roma pelo interior, pouco conseguindo de vantagem nisso, Juvenal possuía situação financeira confortável, pois herdara de seu pai uma pequena fortuna, uma casa (*domus*) em Roma e uma propriedade rural (*villa*) em Tibur, pertencendo, portanto à classe de pequenos proprietários provinciais, classe que constituía um dos pilares da economia do Império. Boissier (1868) diz-nos que o satírico, ao contrário de muitos contemporâneos seus, não desperdiçou essa pequena fortuna, conforme relato em suas últimas sátiras, compostas na velhice. Na Sátira XII, ele diz: *niueam reginae ducimus agnam, par uellus dabitur pugnanti Gorgone Maura; sed procul extensum petulans quatit hostia funem Tarpeio seruata Ioui frontemque coruscat...* (uma nívea ovelha conduzimos para a rainha [dos deuses], velo igual será dado àquela que peleja com a Górgona Morena, mas longe uma vítima petulante, reservada a Júpiter Tarpeio, sacode a corda...), e, em seguida: *si res ampla domi similisque adfectibus esset, pinguior Hispulla traheretur taurus et ipsa mole piger...* (se a riqueza em minha casa fosse maior e semelhante à afeição, um touro mais gordo que Híspula, preguiçoso por seu próprio tamanho, seria arrastado...). Aqui há três indicações: primeiro, a *pietas* do autor; em seguida, a extensão de sua riqueza, e, finalmente, a sua malignidade verbal contra desafetos que não lhe concediam espaço nas letras. O primeiro é evidente por si só, se não formos críticos a ponto de rejeitar a sinceridade do poeta; o segundo, pelo fato de duas ovelhas e um vitelo não significarem pobreza, nem opulência, e, finalmente, Híspula, mulher de Plínio, o Jovem, é descrita de forma impiedosa e até mesmo ofensiva. Lembremo-nos de que Plínio, que em suas cartas faz um inventário de todos os escritores e retores de sua época, jamais se refere ao nosso poeta, quer seja como advogado, quer como declamador, quer como poeta. Nem a ele e muito menos a seus amigos. A lembrança de Umbrício, poeta de quem nenhum escrito restou, sobrevive

somente graças ao registro de Juvenal na *Sátira* III. Lembremo-nos também que Plínio pertencia a uma aristocracia romana que não dera uma boa acolhida a Juvenal. Nosso autor não teve daqueles patrícios a mesma receptividade que Horácio ou Vergílio tiveram na corte de Augusto, portanto é natural alguma animosidade do poeta contra aqueles que, mesmo já tendo perdido seu poder, se prendiam a antepassados, a questões fúteis e a distinções sociais sutis, coisas que os tornavam insuportáveis para um homem de origem menos aristocrática em busca de reconhecimento literário. Juvenal despreza essa aristocracia que, em sua opinião, mostra-se insolente com aqueles que ela considera inferiores. O autor não nos dá em medida exata como e de que forma se poderia tolerar o orgulho de uma classe ou autoridade. Mas parece-nos que, por exclusão, para ele, pessoas realmente nobres dispensariam a postura soberba e de orgulho. Entretanto, quando parte de pessoas muito arrogantes e soberbas, cujo poder é somente uma lembrança do passado, esse orgulho torna-se ao mesmo tempo grotesco e intolerável, contra o qual resta-nos somente levantar o veneno destilado no cálam.

Juvenal compôs dezesseis Sátiras, que primeiramente podem ser divididas em dois grupos (CITRONI & *alii*, 2006; KENNEY & CLAUSEN, 1982; PARATORE, 1983): 1) as que têm por objeto a crítica dos costumes contemporâneos, e 2) as que desenvolvem, com inspiração e tintura genericamente estoica, os temas referentes aos lugares comuns da moralidade. Elas foram, provavelmente depois da morte do autor, distribuídas em cinco livros, cujos temas são os seguintes:

Livro	Sátira	Assunto	Grupo
	I	Por que Juvenal escreve sátiras	1
	II	Sobre os filósofos hipócritas	1
I	III	Os inconvenientes de Roma	1
	IV	O linguado de Domiciano (<i>Consilium Principis</i>)	1
	V	Os parasitas (<i>clientes</i>)	1
II	VI	As mulheres romanas	1
	VII	Miséria dos homens de letras	1
III	VIII	A verdadeira riqueza	2
	IX	A corrupção de Roma	1
	X	Sobre os votos desnecessários	2
IV	XI	O luxo à mesa e a simplicidade antiga	1
	XII	Os caçadores do testamento perdido	2
	XIII	Sobre depositários infieis	2
V	XIV	Os exemplos na educação	2
	XV	Absurdo e crueldade de superstições egípcias	2
	XVI	Prerrogativas dos militares (inacabada)	2

Quanto à cronologia, o mais aceito é que o livro I foi publicado por volta do ano 100; o II, por volta de 117; os livros III e IV, entre 117 e 128, e o livro V, por volta de 130 (PARATORE, 1983).

Na distribuição dos livros, segundo o motivo e inspiração das sátiras, podemos notar que o autor apresenta três fases. Na primeira ele se concentra nos costumes, de forma pragmática, criticando-os como uma pessoa do povo o faria. É um momento em que, reagindo a um retoricismo escolástico, dá voz a uma latinidade mais autêntica e menos sutil, mais próxima, pode-se dizer até, da malignidade do homem comum do subúrbio. Adotando-se uma postura anacrônica, eivada de questionamentos advindos de escolas de análise política posteriores ao autor, poderíamos dizer que, pela primeira vez na literatura ocidental, dá-se voz ao homem comum, aos seus anseios, seus preconceitos e à sua raiva. Diferentemente de Horácio e Vergílio, em cujas obras o homem comum aparece apenas para louvar Augusto, ou para mostrar a própria mesquinhez perante o poder, Juvenal nos faz ver suas verdadeiras vicissitudes sem idealizações, porquanto partilhava indiretamente da penúria do povo mediante o contato com os amigos nessa situação, bem como pela participação na *laudatio* diária a seus patronos.

Na segunda fase, de transição, equilibra as tinturas estoicas com a crítica do homem comum. Finalmente, na terceira, a tinta estoica se mostra mais forte, dirigindo seu tom para um matiz um pouco mais generalizante e um pouco mais elevado do que nas anteriores, todavia, mesmo apresentando aspectos textuais que apontam para elementos de cunho teorizantes mais universais, nessa fase, o autor conserva sua verve virulenta e seu “pé no chão”, advindos da origem semi-humilde e, talvez, humilhada. Ora, essa humilhação (*castigatio*) juntando-se à indignação (*indignatio*), rima pobre em português, torna-se poesia rica no latim de Juvenal.

A inspiração de Juvenal é a *indignatio*: *Si natura negat, facit indignatio versum*¹ (Se a natureza recusa, a indignação faz o verso). É fundamental levar em conta a natureza dessa indignação. Admiradores apressados veem nele um republicano em que, embora extraviado dentro do Império dos césares, ainda palpita a velha alma livre da república morta e que estigmatiza em versos candentes a tirania odiosa e a degradação moral de que ela se faz acompanhar. Seus detratores o pintam como um fracassado carente, que deseja caluniar uma sociedade em que não pode penetrar, ou ainda como um retor impertinente que faz versos sobre lugares comuns de escola.

Nem um, nem outro. Se de um lado, sem sucesso, Juvenal desejava ingressar nos altos círculos literários de Roma, suas críticas, como já

1- Sátira I, 79.

apontamos, vêm mais de indignar-se ao ver a precária situação do homem romano simples, de ver nobres romanos sem nenhuma qualidade, nem obras que os distingam da plebe, mostrarem-se arrogantes e cruéis, mais do que de qualquer sentimento republicano. Haja vista que era sentimento comum entre todos os escritores uma nostalgia apenas teórica da República, pois muitos ainda tinham os testemunhos, mesmo que literários, das atribulações que o povo romano passara durante a crise republicana cerca de um e meio século antes: os expurgos, as carnificinas, os confiscos ainda ecoavam nas conversas. Mesmo que o Império tenha se consolidado com sangue (cf. ROSTOVTZEFF, 1973), sua continuação trouxe a paz e a estabilidade que uma classe senatorial no comando já não conseguia mais prover. Lembravam-se aos príncipes os ideais da antiga república somente para pedir-lhes que exercessem o poder com equidade e justiça. Em outras palavras, a oposição que se exercia contra os césares não era política, era somente literária. Mesmo Tácito e o jovem Plínio, imbuídos de ideais republicanos, não contestavam a autoridade dos imperadores, pediam que o *imperium* fosse exercido de forma doce e humana, consultando-se preferencialmente o senado, escutando-se as opiniões do povo romano e, dentro dos limites da urbanidade, acostumando-se a uma certa liberdade de falar e escrever. Esse era o retrato das exigências de liberdade nos homens que viviam sob o Império nessa passagem do primeiro para o segundo século. E Juvenal, também imerso nesse espírito do tempo (*Zeitgeist*), não poderia passar imune ou pensar de forma muito diferente. Na verdade, Juvenal não é um republicano, portanto não pode ser ligado, com quiseram os românticos do séc. XIX, a teses desse teor político. Na verdade, ele nem mesmo é um escritor de oposição, como se pode ver nas primeiras linhas da Sátira VII, numa possível alusão a Adriano (CORREA, 1974):

*Et spes et ratio studiorum in Caesare tantum;
solus enim tristes hac tempestate Camenas
respexit...*

*Tanto a esperança, quanto o cuidado dos estudos estão somente em César;
pois só ele nesta tempestade às tristes Camenas
voltou seu olhar...*

Da mesma forma, não se trata de um homem carente aguilhoado e amargurado pela pobreza, como Umbrício, poeta pobre como já o dissemos. Os bens de família podiam mantê-lo muito bem protegido das necessidades e das emergências constritoras. Da mesma forma operava nele sua filosofia de vida, como, por exemplo, na *Sátira XII*, um sentimento de *aurea mediocritas*, que no homem comum se manifestava pelo respeito ao *limes* e o mantinha longe

dos exageros dilapidadores das fortunas. Nesse aspecto, há uma coerência visceral no poeta. Ademais, ele se mostra afinal melhor que um puro retor, pois sua indignação, apesar de um ou outro excesso declamatório na forma, é sincera, pois ele é um legítimo representante de uma classe de proprietários muito pequenos, espremida entre a nobreza insolente e o populacho violento, e traduz a cólera que experimentam os homens honestos desse tipo diante da corrupção moral e das injustiças de sua época.

A descrição ou quadro que Juvenal faz da sociedade romana de sua época é a mais negra e sombria. Roma, segundo ele, tornou-se inabitável para os autóctones, que no passado tinham detido os egípcios, os orientais, sobretudo os gregos, insinuantes e maleáveis, prontos a cometer todas as torpezas para sobreviver e tirar proveito de todas as situações. O imperador não é aquele da *Sátira VII* mas um tirano caprichoso, dissoluto e cruel. Os patrícios aviltados pensam somente em seus excessos. O povo se resume em uma escória de seres servis e cruéis, exigindo somente duas coisas, comida e diversão, *panem et circenses*. A família já não existe mais: os pais, tomados pelos vícios e pela discórdia, se divorciam pelo pretexto mais fútil, e dão a seus filhos somente exemplos vergonhosos. A religião se reduziu a práticas mecânicas, e a fé nos antigos dogmas e verdades transcendentais, esmagada pelas abjetas superstições orientais, desapareceu.

Devemos levar em conta, contudo, o caráter retrospectivo dessa descrição. Juvenal não descreve, de modo algum, o quadro social da época dos Antoninos, ele se prende, conforme admite, *experiar quid concedatur in illos quorum Flaminia tegitur cinis atque Latina*. (experimentarei o quanto me seja permitido contra aqueles cujas cinzas repousam ao longo das Via Flaminia e Via Latina, (*Sátira I*, 170-171), isto é, ele se dirige à geração precedente, bem como aos homens do tempo de Cláudio e de Nero. A proposta é, todavia, incompleta e exagerada. O autor, por não pertencer à alta sociedade, só a conhece pelo espocar dos escândalos, ademais é um retor que generaliza abusivamente, levando ao extremo sua mordacidade hiperbólica. Por outro lado, podemos considerar esse quadro bastante preciso, se levarmos em conta que Juvenal omite o bem e exagera os males de sua sociedade. Na verdade, ele se empenha em fazer um retrato fidelíssimo dos romanos degenerados do nascer do Império Romano, e não exatamente de sua época, como bem o provam os escritos de Petrônio, Tácito, Marcial e Suetônio. O foco no tecido gangrenoso, para que não contaminasse o resto do corpo sadio, era a estratégia do moralista para manter a sociedade sempre vigilante contra os germens que poderiam destruí-la. O foco do autor, eis a chave para lhe darmos crédito. De outro ponto de vista, corolário de nossa reflexão, como poderia uma sociedade

tão corrompida, tão bruta, tão desumana, tão decaída, manter-se firme e, em seu dever, dar lugar a novas formas de pensamento, sem se desestruturar completa e imediatamente? Se Juvenal por um lado está correto em apontar os males, por outro erra em exagerá-los, estendendo a toda sociedade as características particulares de alguns setores. Expandir características localizadas em alguns indivíduos de uma população para todo o grupo, ou seja, da parte para o todo, constitui-se numa falácia de inversão de acidente, que, em outras palavras, reflete o comportamento do senso comum de generalizar experiências negativas para todo o gênero humano. Mas, como sabemos, a retórica necessita às vezes desse expediente para colocar as coisas em seus devidos lugares.

Quanto aos aspectos mais gerais da moral, o autor reserva os dois últimos livros para eles. Poderíamos imaginar que a inspiração menos áspera dessas peças seja tanto um efeito de um apaziguamento de seu espírito devido talvez à idade ou um abrandamento do gênio devido a fatores desconhecidos. A elevação das ideias deixa de ser acompanhada pelas frequentes explosões características das primeiras Sátiras. Neles se encontram algumas das passagens mais célebres do poeta. Essas Sátiras, contudo, tão próximas dos exercícios escolásticos, pelo assunto e pelo encantamento, traem aqui e ali os preconceitos da época. Mas, apesar disso, Juvenal revela-se aqui, cada vez mais, iluminado mais de uma vez pelo, ainda que pontualmente, ideal de doçura e humanidade que, sob a influência sempre crescente do Estoicismo renovado, penetrava cada vez mais na alma romana:

...Mundi

principio indulset communis conditor illis
tantum animas, nobis animum² quoque, mutuus ut nos
adfectus petere auxilium et praestare iuberet,
dispersos trahere in populum, migrare vetusto
de nemore et proavis habitatas linquere silvas,

...Do mundo

no princípio, o criador comum obsequiou-os
somente com vida, a nós também com alma, para que um mútuo
afeto nos impelisse a pedir e prestar auxílio,
os dispersos a reunir em um povo, a migrar do antigo
bosque e a abandonar as selvas habitadas pelos antepassados.³

É nelas que o poeta proclama com eloquência o respeito pelo

2- Os estoicos admitiam dois princípios vitais importantes: *anima* e *animus*, aquele, princípio vital; este, racional.

3- *Sát.* XV, 147-152

escravo:

“pone cruce[m] seruo.” “meruit quo crimine seruus supplicium? quis testis adest? quis detulit? audi, nulla umquam de morte hominis cunctatio longa est.”

“o demens, ita seruus homo est?...”

“Crucifica o escravo!” “Por que crime ele mereceu o suplício? Que testemunho existe? Quem apresentou? Ouve bem, nenhuma dilação é longa quando se trata da morte de um homem.”

“Oh demente, por acaso o escravo é um homem?...⁴

e pela criança:

maxima debetur puero reuerentia⁵, si quid turpe paras, nec tu pueri contempseris annos, sed peccaturo obstet tibi filius infans.⁶

máximo respeito deve-se à criança, se alguma ação vergonhosa preparas, e tu mesmo não desprezas a idade dela, mas obste a ti que estás prestes a fazer o mal o teu filho criança.

e expõe em versos emocionados a grande lei da solidariedade humana (acima, Sát. XV, 147-152).

Nada mais característico daquela escola filosófica que, junto com o verdadeiro Epicurismo, estava transformando a mentalidade geral da época, o espírito do tempo. Esse substrato, mais tarde, não passou despercebido pelos primeiros padres da Igreja Católica, e por eles foi muito bem aproveitado na instauração do cristianismo nascente.

Se tomarmos a palavra realismo de um ponto de vista próximo ao empirismo, podemos sem dúvida dizer que Juvenal é um autor realista com uma visão precisa da realidade, sabendo mostrá-la com a mais expressiva justeza, não obstante os comentários já feitos sobre a questão do foco. Como ensaiamos acima, ele é, por excelência, o pintor das pequenas coisas e pequenas gentes, que ele descreve de forma muito vívida em traços fortes, característicos e pitorescos, num gosto por coisas familiares e comuns que não recua diante da trivialidade do assunto, nem da crueza do detalhe nem diante do cinismo dos termos empregados. Ele aprofunda o ideário dos *poetae noui* que, um século e meio antes, inaugura uma poesia que se ocupa de coisas mais corriqueiras

4- Sát. VI, 219-222.

5- Note-se aqui a iconicidade do texto: o sintagma verbal *debetur puero* “protegido” dentro do sintagma nominal *maxima... reuerentia*.

6- Sát. XIV, 47-49.

do dia a dia, do *carpe diem*, do *uiuamus mea Lesbia*, causando estranheza e mesmo indignação, visto que, para os romanos, ciosos de suas tradições e talentos guerreiros, a grande motivação estava em cantar os feitos gloriosos dos antepassados, isto é, na poesia épica. A *Vrbs incomoda* da Sátira III é o melhor exemplo. Quanto à forma, lembremos de que ele é um retor com todos os defeitos e características escolásticas: ênfases, obscuridades, composição fragmentada e incoerente, abuso de digressões, das figuras e dos exemplos, busca de originalidade. Trata-se, apesar disso, de um retórico genial, dotado de um poder verbal extraordinário, cuja paixão se expande em movimentos de eloquência áspera, foga e quente do efeito mais apaixonado. Paixão que se revela, no geral, em uma sátira virulenta, e desprovida de delicadeza e espírito, não obstante os momentos de suavidade que se encontrarão mais para o fim. No geral, o gracejo é pesado, veja-se a referência a Híspula acima, seu riso é amargo, contudo apresenta um esplendor incomparável e grande força de imaginação. Consegue restaurar e reviver as cenas mais variadas, como, por exemplo, na *Sátira IV* sobre a negociação de um linguado para Domiciano. Consegue conceber a descrição dos tipos mais inesquecíveis, como, por exemplo na *Sátira VI*, 434-443:

*illa tamen grauior, quae cum discumbere coepit
laudat Vergilium, periturae ignoscit Elissae,
committit uates et comparat, inde Maronem
atque alia parte in trutina suspendit Homerum.
cedunt grammatici, uincuntur rhetores, omnis
turba tacet, nec causidicus nec praeco loquetur,
altera nec mulier: uerborum tanta cadit uis,
tot pariter pelues ac tintinnabula dicas
pulsari. iam nemo tubas, nemo aera fatiget:
una laboranti poterit succurrere Lunae.*

*É mais pesada, porém, aquela que, apenas chega à mesa
louvat Vergílio, justifica Elisa determinada a morrer,
junta os poetas e os compara, então Vergílio,
e em outro lado da balança coloca Homero.*

*Retiram-se os gramáticos, são vencidos os rétores, toda
turba cala, nem um advogado nem um pregoeiro falará
nem sequer outra mulher. Tamanha força das palavras cai,
que juntamente dirias serem campainhas e baixelas
batidas. Ninguém às tubas, ninguém aos bronzes fatigue:
uma mulher sozinha poderia socorrer a Lua em apuro.*

Aos quais se segue a máxima *Imponit finem sapiens et rebus honestis* (A sábia impõe limite até mesmo às coisas honestas), e certamente o fantasma dessa sátira guiará a mão de Molière, em *Les femmes savantes*, em que o dramaturgo francês lança sua sátira sobre as mulheres do século XVII, abordando a educação feminina, a pretensão acadêmica e o uso indiscriminado de preciosismos. Juvenal aplaudiria. Para não falar na Sátira X, vv-56-64 (sobre a queda de Sejano), em que se pincela um quadro admirável em relevo e colorido:

*quosdam praecipitat subiecta potentia magnae
inuidiae, mergit longa atque insignis honorum
pagina. descendunt statuae restemque secuntur,
ipsas deinde rotas bigarum inpacta securis
caedit et inmeritis franguntur crura caballis.
iam strident ignes, iam follibus atque caminis
ardet adoratum populo caput et crepat ingens
Seianus, deinde ex facie toto orbe secunda
fiunt urceoli, pelues, sartago, matellae.*

*A alguns lança ao chão o poder sujeito a grande
inveja, e os afunda dos cargos a longa e ilustre
lista. Descem as estátuas e seguem a corda,
em seguida, as mesmas rodas da carruagem são desfeitas a machado
e se quebram as pernas dos inocentes cavalos.*

*Já rugem as chamas, já pelos foles e pelas fornalhas
arde a ansiada cabeça pelo povo e range o grande
Sejano, por fim dessa face, segunda em todo o orbe,
fazem-se jarros, bacias, uma frigideira, um penico.*

Note-se aqui a sequência de oclusivas criando o efeito expressivo de bater, quebrar e cair fragorosamente, quase onomatopaico, um recurso icônico de grande força plástica. Note-se também, no verso 64, a decadência estampada na sequência de utensílios, da parte mais nobre, a cabeça, fazem-se desde jarros, mais nobres, até um penico. Inclusive, em Marcial (10-XI, 2,3) encontramos:

*Teque putas Pyladi, Calliodore, parem.
Dispeream, si tu Pyladi praestare matellam
E te julgas igual a Pilades, Caliodoro,
Eu não viva se tu a Pilades servires de capacho⁷.*

Quanto ao estilo, algumas vezes é tenso, queixoso, desapontado,

7- Literalmente: segurares o penico.

chegando à monotonia, mostrando-se notável, todavia, em algumas partes, seja pelo movimento, seja pelo brilho, pela concisão nervosa e pelo vigor sentencioso: Juvenal é, depois de Vergílio e de Horácio, o poeta latino que deixou o maior número de versos e expressões proverbiais:

Dat veniam corvis, vexat censura columbas. (II, 63)

A censura absolve os corvos e castiga as pombas

Hoc volo, sic iubeo, sit pro ratione voluntas. (VI, 223)

Assim eu quero, assim eu ordeno, seja minha vontade a razão⁸

*summum crede nefas animam praeferre pudori
et propter uitam uiuendi perdere causas.* (VIII, 83-84)

*tem como certo que o maior delito é preferir a vida do que a honra,
e por salvar a vida, perder a razão de viver:*

Sed quis custodiet ipsos/ custodes? (VI, 347-8)

Mas quem fiscalizará esses mesmos/ guardiães?

Orandum est ut sit mens sana in corpore sano. (X, 356)

Devemos orar para que tenhamos uma mente são num corpo são.

Maxima debetur puero reverentia. (XIV, 47)

máximo respeito deve-se à criança.

O estilo gnômico desses excertos garantiu a Juvenal uma grande acolhida posterior, é verdade, tanto entre os padres da Igreja Católica, quanto entre advogados, haja vista a força aforística argumentativa que apresentam nos debates. Nada mais contundente que fechar uma argumentação com uma sentença desse tipo, afinal, como disse Goethe mais tarde: “Tudo parece mais verdadeiro quando escrito sob a forma de aforismo”. E Juvenal já sabia disso.

Enquanto sua expressão em latim é extremamente pitoresca e rica, a versificação apresenta algumas negligências ou, se quiser, desvia-se dos cânones das regras clássicas. Por vezes desarmonioso e rude em alguns pontos esparsos, o verso é quase sempre de uma bela progressão, de uma sonoridade, de uma felicidade de ritmo, que acrescenta plasticidade à expressão:

cūm Gā|tūla dū|cēm pōr|tārēt | bēlua | lūscum! (X, 158)

quando a besta da Getúlia levava o comandante zarolho!

8- Literalmente: seja a (minha) vontade em lugar da razão.

Sabemos que já na época de Cícero, o latim chamado clássico era uma língua restrita ao meio de comunicação literário, já não tendo tanto em comum com o latim corrente, assim como o português brasileiro de José de Alencar, já em sua época, apresentava claras divergências com o linguajar das ruas. A epigrafia da época de Cícero e os *grafiti* de Pompeia, mais próximos a Juvenal, nos mostram claramente isso. Este, como homem das ruas, como afastado da alta elite, quer financeira, quer literária, devia certamente partilhar muito mais da variante corrente que da clássica literária, e esse pormenor afigura-se-nos como hipótese plausível para a rudeza e desvios do autor. Afinal vemos que em todas as eras, no exercício da escrita, a oralidade traiçoeira, sempre à espreita, aqui e ali irrompe em nossa produção escrita. Infelizmente, ainda não se chegou a um consenso do que seria a fonologia desse latim corrente em transformação. Ainda estamos pisando em terreno movediço, em terra de ninguém. Classicistas do século XIX privaram-se das belezas de Juvenal por conta desses “desvios” da norma clássica, negaram-se a estudar esse “autor menor”, de “latim decadente”, da “literatura de prata”. Com isso deixaram de tomar contato com a vida, com o cotidiano, com a mais legítima e espontânea manifestação da cultura do homem comum.

Até aqui enfatizamos o caráter de homem comum em Juvenal. Esse aspecto pode ter-se refletido em sua recepção. Pouco estimado em sua época, até mesmo desprezado, Juvenal somente ganhou reconhecimento a partir do quarto século, quando, por agradar aos anseios moralizadores da nova religião, entrou em moda. Sua popularidade e glória crescem com o tempo até atingir o apogeu na Idade Média, entrando em declínio com as novas exigências estéticas e literárias do Renascimento e movimentos subsequentes. Nesse interregno, embora tenha sido louvado e até mesmo imitado por autores como Shakespeare e Victor Hugo, a tendência sempre foi de considerá-lo um autor menor, principalmente durante o Romantismo: suas descrições, apesar de apontarem para um individualismo, carecem do *epos* trágico que esse movimento reclama e propala. Se Juvenal pudesse do além levantar sua voz, que diria certa e simplesmente, cremos, algo como: “Que pode me interessar a opinião de vocês, se os expoentes máximos de Gália e Britânia me louvam?”. Ademais, ainda que a tendência acadêmica seja de alinhá-lo entre os “autores de segunda ordem”, as novas diretrizes de estudo da História fizeram-lhe justiça. Desde a década de 1980, desenvolveu-se o interesse pela história da vida privada, cujo escopo é levantar o desenvolvimento das relações sociais mediante o estudo desse segmento das sociedades e das interações do *homem comum* com a história. Essa nova diretriz trouxe mais uma vez o autor ao centro de interesse, tendo em vista que ele é o que mais se aproxima da vida

pulsante e do cotidiano. A obra de Juvenal, apesar de relativamente pequena, pôde então lançar luz sobre muitos aspectos da vida privada que muito arduamente se depreendem nos autores ditos consagrados. Como registro de sua época, de um prisma totalmente negligenciado pelos demais, nosso autor se coloca entre as mais importantes testemunhas de seu tempo, pelo simples fato de apenas olhar à sua volta, para o lado e para baixo, deixando o registro das coisas superiores para todos os demais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOISSIER, Gaston. *Juvénal et son temps*. Paris, Revue des Deux Mondes, tome 74 : 1868.

CITRONI, M. *Literatura de Roma Antiga*. Trad. de Margarida Miranda e Isaías Hipólito. Lisboa: Funadção Calouste Gulbenkian, 2006.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Máximas e reflexões*. Lisboa, Guimarães Editores: 1987.

JUVENAL, Decimo Junio. *Satiras*. Introd., traduc. y notas de Roberto Heredia Correa. México: UNAM, 1974.

_____. *Satires*. Texte de François Labriolle, trad. de Francois Villeneuve. Paris : Les Belles Lettres, 2002.

KEENEY E.J. & CLAUSEN (eds.). *The Cambridge History of Classical Literature. II: Latin Literature*. Cambridge: CUP, 1982

MARTIAL. *Épigramas. Tome II, 1^e. partie (Livres VIII-XII), 2^e. edition*. Texte établi et traduit par H.J.Izaac. Paris: Les Belles Lettres, 1961.

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa, Calouste Gulbenkian: 1983.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Grega e Romana – Vol. VII – Estoicismo, Ceticismo e Eclétismo*. São Paulo, Loyola: 2011.

ROSTOVTZEFF, Mikhail. *História de Roma*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

VEYNE, Paul (Org.). *História da vida privada – Vol. I – Do Império Romano ao ano mil*. São Paulo, Cia. das Letras: 1989.